

FELIZ NATAL!

DESEJA «A VOZ DE LOULÉ» A TODOS OS SEUS PREZADOS ASSINANTES, COLABORADORES, AMIGOS E ANUNCIANTES.

# A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 706

ANO XXVII

21/12/78

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»  
Av. João Ferreira da Maia, 20  
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 6 25 36 LOULÉ



## Natal confessional e dos corações

O Mundo, é um mundo de convicções, de crenças e ateísmos, de apostasias e de conversões, de radicalismos, circunspeções, de fanatismos e de moderações, de alucinações e de evidências, de ilusões e realidades, de utopias e verdades, de tibiezas e heroísmos.

O mundo humano está prenhe de contrastes, de antagonismos e contradições, que nos levam a pensar que continua a tactear, ainda, um rumo incerto e inseguro, mesmo que isso implique, quantas vezes, ao uso da violência, ao exacerbar dos ódios e às guerras sem quartel.

Mas também há amargura, há sofrimento, também há propósitos de entendimento e de diálogo.

Paralelamente ao mundo bélico, que propugna o antropocentrismo hegemónico e ideológico, às filosofias da dúvida, aos cepticismos de um futuro melhor, coexiste um mundo iluminado pela esperança, afectivo e sereno, que peregrina, sabendo quanto é transitória uma caminhada que tem sentido e fim escatológicos.

Mas para todos esses «mundos» o Natal encerra uma mensagem.

Nem sempre, admitimos encontrar receptividade, mas é possível que pelo menos imponha, persuasivamente, à pausa de uma meditação mais compenetrada.

O Natal da cristandade ou dos

cristãos não terá decerto o mesmo significado do Natal dos ateus e dos pagãos (quando visto sob o auspício confessional). Mas poderá tanger a mesma corda sensível em todos aqueles que nutrem pelo seu semelhante, pela comunidade em que se inserem, pelo «mundo» em que vivem, uma admiração e afeição igualmente sinceras, igualmente profundas e imparcimoniosas.

Com o Natal, que assinala uma transcendência que supera a razão humana — Deus nasceu menino pobre! — chegou o momento de descontraír os rostos crispados e de unir os corações numa prece uníssona: — NATAL FELIZ PARA TODOS E PAZ PARA OS HOMENS DE BOA VONTADE!

J. C. Viegas

## O NATAL

Já todos ouvimos esta afirmação:

É Natal... a quadra mais bela do ano. Repicam os sinos nas igrejas, paira no ar o cheiro próprio da quadra que se avizinha.

Tudo é maravilhoso, crianças aguardam a noite tão desejada, e outras nem sabem sequer o sabor de um Natal. Sim! O calor da alegria e felicidade nesse dia não existe nos lares dos pobres. Há outros que nem lar têm como os que no Vale do Jamor vivem da caridade e dormem em tendas de campanha. Coitados! Cheios de frio e desprezados pela sociedade em que vivemos. Mas quantos lares e quantas crianças por este Portugal fora, que nesse dia para alguns tão feliz, eles nem sequer têm um fósforo para acenderem uma fogueira para se aquecerem.

Mas tudo é possível, num Portugal retalhado, estafado, roto, onde todos os dias e todas as noites acontecem coisas que mudam

(continua na pág. 7)

## IV Governo Constitucional

obtém luz verde na Assembleia da República

Ao contrário do que sucedeu ao Governo encabeçado por Nogueira Costa, o IV Governo Constitucional, liderado por Mota Pinto, submetendo ao veredicto do hemiciclo nacional o seu programa de acção, do qual dependia a sua permanência no poder até ao novo período eleitoral, conseguiu obter o apoio maioritário parlamentar e passar assim à fase seguinte: dar cumprimento às linhas de rumo traçadas.

Mas, pode-se dizer que não foi fácil esse seu preliminar «exame», o qual, como os órgãos de comunicação social deram conta, foi feito sob o signo dos debates, das moções de rejeição, das interpelações, do esclarecimento, e declarações de voto, e das intervenções que os partidos políticos ali, naquele órgão de soberania representados, e os próprios membros do Governo, entenderam no uso legítimo das suas prerrogativas manifestar.

Criou-se mesmo, a determinado ponto dos trabalhos um clima de «suspense», contrariando as conjecturas já esboçadas, quando os

sociais-democratas fizeram questão em saber primeiro se o primeiro ministro na sua intervenção final daria resposta satisfatória às suas dúvidas.

Em resultado culminante, das opções assumidas pelas partidos políticos, traduzidas pelos votos favoráveis do CDS e PSD (109 votos), abstenções do PS (98) e Galvão de Melo, e contrários do PC, UDP e independentes (ao todo 45 votos), o IV Governo Constitucional «passou» na Assembleia da República.

Como se sabe, o PC apresentou uma moção de rejeição sendo a sua votação implicitamente coe-

(continua na pág. 7)

## Trigo canadiano oferecido a Portugal

A bordo do navio «lamatacos» chegaram há dias a Lisboa, 25 000 toneladas de trigo canadiano, que fazem parte de uma oferta do Canadá a Portugal, no total de 15 milhões de dólares, ou seja cerca de 600 mil contos.

Ao abrigo desta oferta foram já enviadas a Portugal mais de 56 000 toneladas de trigo, esperando-se que outro seja recepcionado no princípio do próximo ano.

O trigo, que é financiado pela Agência Canadiana para o Desenvolvimento Internacional, faz parte de um projecto de auxílio a Portugal, com vista ao equilíbrio da nossa balança de pagamentos.

Mal de nós se não contássemos com a ajuda dos países que são realmente nossos amigos.

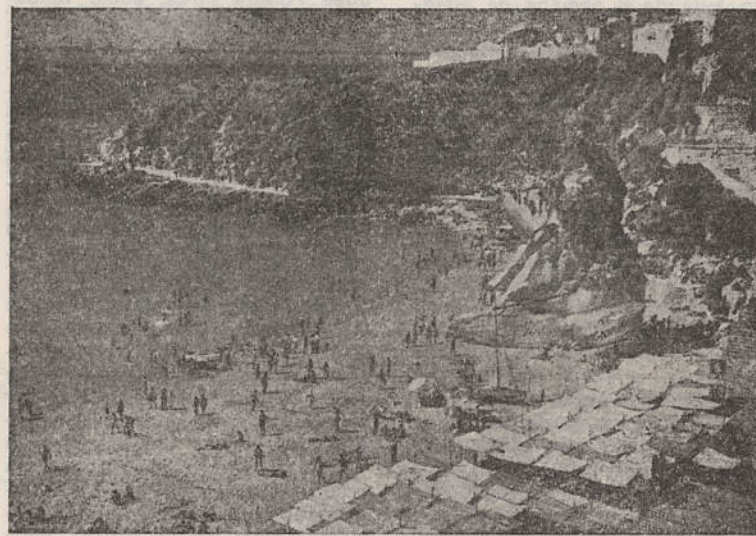
## TURISMO

### IV CONGRESSO DAS AGÊNCIAS DE VIAGEM E TURISMO

Mais uma vez, ao abordarmos o tema, queremos afirmar que não somos catedráticos no assunto, pois não nos movem pretensões a jornalista, ou peritos na matéria, como alguns, certamente,

julgam. Não. Gostamos simplesmente de escrever, com a dignidade com que todos o devem fazer, sem recorrer a processos soezes ou a qualquer tipo de

(continua na pág. 4)



Albufeira continua a ser uma terra voltada ao turismo por excelência. O Congresso ali realizado mais uma vez provou a sua vocação e a sua importância no contexto geral do Algarve.

## TV livre:

### Privilégio ou direito?

(Conclusão do número anterior)

A liberdade não é um fim. É o meio que a natureza, física e transcendente, dos homens não dispensa para «desejar» — com um desejo realizante, activo e fecundo, até quando se sabe insusceptível de plena satisfação — aqueles fins que, como a justiça, dão sentido à existência social ou, como a perfeição, dão sentido à existência pessoal. Com a encarnação de Cristo o homem não nasce para ser livre, o homem nasce livre. O católico sabe, depois, que os fins, para os quais a liberdade é um meio, é que constituem a substância da liberdade. Não há, portanto, poder humano que se possa permitir negar, abolindo-a ou limitando-a, a liberdade. Uma sociedade livre —

como, por definição, têm de ser as sociedades democráticas — não é aquela em que se apresenta a liberdade como um fim que, depois, inevitavelmente será sem-

(continua na pág. 6)

## LAR PARA A TERCEIRA IDADE EM LOULÉ

Vai reverter a favor da instalação e funcionamento em Loulé de um lar para a terceira idade, uma verba de 2900 contos, devolvida à Santa Casa da Misericórdia desta vila.

A verba referida tem base num

(continua na pág. 3)

## Explicação a propósito da instalação do Museu de Loulé

Na edição de 7 de Dezembro passado, do conceituado jornal «Correio do Sul», veio pela pena de Carlos Albino Guerreiro um comentário sob a epígrafe «A instalação do Museu de Loulé será erro de palmaria?», ao abrigo

do qual o seu autor se insurge e critica o imóvel destinado (esporadicamente) a acolher o referido Museu.

Não se restringe meramente a discordar, formula adicionalmen-

(continua na pág. 5)

QUARTEIRA  
quer  
ser vila

(VER PÁGINA 3)



## O SIGNIFICADO DE UM JANTAR

# Empresários da construção civil reunidos em Loulé

Atemorizados por partidos políticos que quiseram aproveitar a Revolução de Abril para impôr a este pobre país um novo e ainda mais feroz sistema ditatorial que a todos (com excepção de 200 novos privilegiados) lançariam na miséria e na fome, os homens que simbolizam a iniciativa privada de Portugal quase que foram forçados a trabalhar na clandestinidade para poderem sobreviver.

Durante longos meses a frustração foi contagiante, o desânimo completo, o medo a quase todos dominou. Era extremamente difícil lutar contra uma legalidade folclórica que traumatizou os mais conscientes.

Qualquer tentativa de união entra elementos de entidades privadas era tão duramente agitada que mesmo os mais corajosos desanimaram para exclamar: «o melhor é desistir». Tal a dureza da luta que era preciso travar, tal o poderio das forças que tudo fizeram para nos afundar e transformar num país de escravos, comandados por loucos generais de aviário que cegamente obedeciam à ordem de forças contrárias aos interesses de Portugal, como nação livre de 8 séculos de história.

Um dos sectores mais atingidos pela Revolução foi sem dúvida o da construção civil pois ela é alicerce fundamental do progresso dum País e onde assenta parte essencial da sua economia. E porque era preciso tudo destruir era também urgente «arrumar» os homens da construção civil, o que aliás quase foi conseguido. Basta que nos lembremos do famoso cerco do Palácio de S. Bento (cujo 3.º aniversário passou há dias) e que simbolizou o clímax de loucura colectiva que tão duramente nos atingiu.

Ainda hoje os profissionais da construção civil estão sofrendo as desastrosas consequências duma calamitosa política e agora vêm de novo o seu futuro ameaçado por nuvens negras que se desenharam no horizonte e cujos reflexos atingirá elevada camada da população portuguesa.

Isto foi dito muito claramente (e recordado com palavras de amargura) em recente jantar de confraternização promovida pela Associação de Industriais de Construção de Edifícios, que reuniu no Restaurante Duas Sentinelas mais de 100 industriais do sector, vindos de Lisboa e de todo o Algarve, e serviu de pretexto para muitos desabafarem acerca dos problemas da classe e cujo lema é «Pela construção na reconstrução».

A Associação dos Construtores

res sabe que o turismo é cada vez mais influente na melhoria das condições de vida dos portugueses e por isso montou o seu próprio pavilhão na Feira de Turismo que se realizou em Albufeira de 22 a 26 de Novembro para demonstrar a sua interligação com as actividades turísticas e suas certezas de que só através da iniciativa privada se pode consolidar a autêntica democracia e o bem estar social.

Desta verdade indelmentável é também testemunho a mensagem recebida durante o jantar pelo Presidente da Associação dirigida pelo Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, sr. Cabrita Neto, que apesar de muito ocupado com os trabalhos do encerramento do Congresso de Turismo que estava decorrendo naquele momento em Albufeira, não se esqueceu de acentuar o significado daquela reunião de empresários acentuando que «sem construção não pode haver turismo nem comodidades para quem nos queira visitar».

O dinâmico construtor louletano e nosso prezado amigo sr. José Pereira Pires, sócio fundador e um dos principais impulsores da constituição da Associação dos Construtores de Edifícios, foi também um dos activos animadores da presença daquela Associação em Albufeira e promotor do agradável jantar de confraternização entre uma numerosa família cujos problemas comuns serviram de pretexto para curiosos desabafos acerca da actual conjuntura que vivemos.

Além disso foi testemunhada a solidariedade entre homens que dedicam a sua vida a uma profissão que vivem apaixonadamente e que querem sentir-se unidos por saberem que «a solidão é um sentimento horrível que destrói o coração», como foi dito por um orador, tendo sido também referenciado que, durante o «Gonçavismo» cada um se isolava, cada um se escondia, com medo que se soubesse que existia. No entanto, houve homens que estavam ali presentes e tiveram a coragem de «dar a cara» para enfrentar o tenebroso inimigo. E foram esses mesmos homens, que ao tempo reconheciam e tentaram corrigir os erros do respectivo Grémio e sabiam quem e como era manipulado, que depois do 25 de Abril não tiveram medo de enfrentar todos os ataques de que foram vítimas e conseguiram criar a Associação dos Industriais de Construção de Edifícios para legítima defesa de interesses que lhes são comuns mas que, também interessam a

toda a população que aspire a viver melhor numa casa melhor.

A batalha que foi preciso travar e as vitórias alcançadas, simbolizam a capacidade realizadora, a persistência e vontade firme de homens já habituados à luta pela vida e dispostos a vencer as dificuldades que vão encontrando pelo caminho. Não se deixaram intimidar pelos sequestros nem se deram por vencidos de crises que outros fabricaram para os derrubar, mas também não querem desistir agora de dar uma colaboração que consideram válida para reerguer este País, apesar de enfrentarem agora a maior crise jamais sentida pela maioria dos presentes construtores que, de Lisboa e de todo o Algarve, se deslocaram a Loulé para testemunharem a sua vontade firme de prosseguir sem desânimo a tarefa de ajudar a construir um Portugal melhor para todos os portugueses.

No entanto não esconderam o seu desânimo por sentirem que foram enganados pelo Dr. Mário Soares que durante uma reunião realizada em 1976 lhes disse: «você têm que construir tantos prédios quantos a vossa capacidade o permitam». Muitos tentaram cumprir mas sentem-se agora frustrados porque entretanto o Governo não permite o aumento das rendas e ninguém compra para alugar. Tam-

(continua na pág. 3)

## HÁ DIAS ASSIM...

Cinco horas e vinte minutos no relógio da sala.

Sento-me à mesa para escrever, contudo a mão fica apoiada sobre a folha de papel e a caneta não mexe.

O meu cérebro está no vazio. E eu que queria dizer qualquer coisa, das tantas coisas que tenho para dizer.

Mas as frases não saem. Às vezes acontece-me assim. As palavras que encontro não traduzem a minha mensagem e ela fica retida, aprisionada entre as quatro, ou duas, ou mais, paredes da minha cabeça. Fechada só para mim, como eu não desejaria mesmo nada que acontecesse.

Gostava que os outros sentissem o que eu tenho para dizer, mas a dimensão do que eu escrevo não é nunca a dimensão do que sinto.

Às vezes experimento mudar de caneta, mas não dá. O papel continua em branco ou com alguns riscos, nada de valor. E cá dentro tudo tão cheio. Mas o meu cérebro está no vazio, no vazio da comunicação.

Mesmo agora eu não estou conseguindo expressar bem o que queria.

Não, não é por não haver palavras.

Se elas existem? Oh!, tantas..., mas não dão para encher. São demasiado pequenas. E eu teria que escrever muitas, muitas mais palavras para dizer tudo. E tantas palavras para dizer nada!

Chega-se ao desespero. Nada muda... e há tanto para mudar, só que não há linha de comunicação, porque a voz não cabe através do fio que é dema-

siado curto e fino e se parte logo à primeira.

Mesmo havendo tantos fios não há linha de comunicação — sempre a quantidade superior à qualidade que não dá nem para ser pouco. E nada feito depois de tanto tempo e tanto a fazer.

Mas não há linha de comunicação!

E o problema continua, fica assim sem poder ser resolvido. Não há resistência organizada e tudo cai por terra. E nem mesmo serve olhar pela janela, porque ela continua ali sem mexer.

Hoje estou assim. Há dias que não são dias, são nada.

A paisagem continua na mesma, com árvores paradas e nuvens correndo no céu porque há vento. Sempre o mesmo, sopra o vento, cai a chuva, depois vão-se os dias, vem o sol, e tudo continua igual. Igual ao princípio, igual ao fim, igual a não haver princípio nem fim, ou tudo ao mesmo tempo.

Porque o cérebro está no vazio e não há linha de comunicação.

Jacinta Cardoso

## AMIENTOS

PARA TODAS AS APLICAÇÕES

CASA CHAVES CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19-B  
LISBOA — Tel. 885163

# Maior depósito Maior segurança



Quando abre conta  
no Banco Fonsecas & Burnay  
está a escolher um banco  
dinâmico, prestável e eficiente!  
E agora, sendo depositante do  
Banco Fonsecas & Burnay,  
beneficia de mais um serviço

— o seguro de Acidentes Pessoais, até 1.000 contos —

Em «A SEGURADORA INDUSTRIAL — Companhia Nacional de Seguros»

- Sem necessidade de preencher papéis
- Abrangendo todos os depositantes particulares, residentes ou emigrantes
- Qualquer que seja a sua idade, estado de saúde ou profissão
- Válido em qualquer parte do mundo onde ocorra o acidente!

SEGURO DO DEPOSITANTE • INFORME-SE NOS NOSSOS BALCÕES



## BANCO FONSECAS & BURNAY



PARA O SERVIR MELHOR,  
ESTAMOS A REMODELAR  
OS NOSSOS SERVIÇOS  
PASTELARIA AMAZONA



AMENDOAL — Fábrica de Pastelaria Fina

LARGO GAGO COUTINHO — TELEF. 62503  
LOULÉ

Pastelaria Fina — Doces Regionais  
Bolos para Casamento, Baptizado, Aniversário, etc.

BOLO REI «AMENDOAL»

Cumprimentamos e desejamos a V. Ex.<sup>ª</sup>  
e a sua Ex.<sup>ma</sup> Família, Boas Festas  
e um Novo Ano muito próspero

(3-1)



# Quarteira quer tornar-se vila

Quarteira iniciou, recentemente, uma nova batalha: aquela que se refere à sua provável emancipação futura. Com efeito, Quarteira quer tornar-se Vila, num futuro que os quarteirenses desejam que seja breve.

O assunto, aliás, não é novo. Vem de longa data o querer da povoação quarteirense de, na medida do possível, dispôr um pouco de si própria. Essa possibilidade poderá alargar-se num futuro que não cremos esteja muito distante, através da elevação a Vila desta aldeia a que os louletanos se acostumavam a chamar «a nossa praia».

O processo iniciou-se em 23 de Novembro passado, quando numa reunião extraordinária da Assembleia de Freguesia, foi deliberado, por unanimidade, que Quarteira seja elevada à categoria de Vila. Posteriormente, a mesma posição foi tomada pela Assembleia Municipal a que se seguirão as «demarches» necessárias à apreciação e aprovação (espera-se) pelos órgãos estatutais competentes.

Perguntarão, provavelmente, os leitores se Quarteira tem efectivamente capacidade para ser elevada a Vila. A pergunta é oportuna, posto que a criação de um novo Concelho depende da verificação de algumas condições imprescindíveis, nomeadamente: — fundar-se o pedido em razões económicas e administrativas; ficar o novo concelho a dispôr de receitas suficientes para ocorrer a novos encargos; não ficar o concelho de origem privado dos recursos indispensáveis à sua manutenção.

Como é sabido o Concelho de Loulé é o maior do Algarve e à primeira vista parece que nenhum problema se lhe deparará, se Quarteira for elevada a Vila, sede de um novo concelho.

Quanto a Quarteira, esta poderá obter meios próprios, suficientes para poder caminhar com as suas próprias pernas; e senão, vejamos, apenas a título de exemplo, uma relação da contribuição predial paga por cada uma das nove freguesias de Loulé em 1977:

Almansil .....	15 917 732\$00
Alte .....	839 596\$00
Ameixial .....	101 005\$00
Boliqueime .....	1 940 380\$00
Salir .....	696 893\$00
S. Clemente .....	28 324 186\$00
Querença .....	483 893\$00
S. Sebastião .....	7 228 320\$00
Quarteira .....	62 569 098\$00

Da relação de verbas atrás descritas se pode constatar que a freguesia de Quarteira suplanta o resto do concelho em 7 037 105\$1. Naturalmente, outros exemplos

das potencialidades da freguesia de Quarteira se poderiam dar, com realce para a importância económica da indústria turística e para o incremento das actividades comerciais e piscatórias.

Como é lógico, a freguesia de Quarteira, que conta com uma população que ronda 10 mil habitantes, não é só um mar de rosas, bem pelo contrário: os problemas relacionados com a urbanização, as vias de comunicação, o trânsito, os esgotos, a energia eléctrica, o mercado público, a lota, etc., etc., são problemas do conhecimento geral e cuja resolução mais eficazmente poderá ser encontrada, se Quarteira conseguir a emancipação tão desejada pelas suas laboriosas gentes.

O processo agora iniciado não vai ser fácil de chegar a seu termo, porque há sempre uma série de requisitos, a preencher, um conjunto de burocracias a ultrapassar e até, certamente, as habituais incompreensões e más vontades, mas Quarteira acredita que a razão há-de triunfar, num prazo que se espera não seja demasiado longo, e que, quando fôr Vila e sede de concelho, mais fácil será rasgar os caminhos do futuro, com trabalho, afinho e vontade de vencer.

O. A. A.

N. R. — O facto de darmos publicidade a esta carta não significa necessariamente que estejamos inteiramente de acordo com o respectivo conteúdo. Aquilo que agora se chama Liberdade de Imprensa existe exactamente para que cada um exprima as suas opiniões — dentro de certos limites logicamente coerentes.

Concordamos que Quarteira aspire a se tornar Vila, mas achamos prematuro que o sr. O. A. A. (que apenas se identificou perante nós) já sonhe amputar a Loulé o seu melhor quinhão.

Quarteira poderá ser vila — tal como Messines — e continuar a pertencer ao maior concelho do

Algarve e sentir-se orgulhosa com isso.

Mas é desculpável a atitude do autor do artigo que acima publicamos, pois apenas «ouvimos» dizer que Quarteira quer ser Vila e não estudou ainda o problema.

Não sabe que está claramente explícito em todas as declarações feitas pelos responsáveis pelo processo que não está (ainda) em causa transformar Quarteira em sede de concelho.

A proposta do PSD não tem sequer esse objectivo.

Aliás Quarteira precisa de homens que estejam à altura do extraordinário desenvolvimento que está tendo e não apenas de se tornar Vila.

Da Assembleia de Freguesia de Quarteira recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta, que gostosamente transcrevemos:

No dia 23/11/78 reuniu a Assembleia de Freguesia de Quarteira, na qual foi aprovada uma moção do Partido Social Democrata, no sentido desta localidade passar a vila.

Pelo mesmo partido (P.S.D.) foi apresentada e aprovada na Assembleia Municipal de Loulé, no dia 24/11/78, uma moção de apoio a esta pretensão.

## PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semear composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 4, em Loulé.

## EMPRESÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL REUNIDOS EM LOULÉ

(continuação da pág. 1)

bém cada vez há menos cidadãos que têm possibilidades económicas de comprar a sua própria casa porque o custo destas subiu vertiginosamente e os juros estão agora tão altos que desencorajam quem sonhe poder ir pagando de harmonia com as suas disponibilidades económicas.

Isto quer dizer que o Dr. Mário Soares não só nada fez no sentido de diminuir a falta de casas, o que é realmente preocupante, como ainda por cima também não criou condições para desenvolver a habitação social, fazendo com que cada vez haja mais portugueses a viver em casas indignas de seres humanos.

Os esforços dispendidos pela iniciativa privada estão sendo insuficientes para resolver o grave problema da falta de habitação.

Entretanto a desastrosa política dos governos dos últimos anos criou esta situação paradoxal: há

falta de casas porque há milhares e milhares de portugueses que vivem miseravelmente instalados, mas já começa a haver casas a mais porque cada vez há menos quem possa comprá-las. Quem precisa de casa para viver não tem dinheiro suficiente para a comprar e duma maneira geral não tem possibilidades de pedir emprestado às instituições de crédito, devido aos juros altíssimos que é obrigado a pagar. Isto pode arrastar-nos a uma crise de consequências imprevisíveis, pois é sabido que a construção civil está, afinal, interligados praticamente todas as actividades económicas dum país. E a falência da construção civil pode ser a falência de tudo o que a ela está ligado.

Inclusivamente o turismo que já é e terá cada vez mais influência na melhoria das condições de vida de todos os portugueses.

J. A.

## U. G. T. um sindicalismo diferente?

Incorporado num grupo de empresários portugueses tivemos a oportunidade de visitar este ano na República Federal da Alemanha o seu mais forte sindicato, o dos metalúrgicos, (I. G. Metall) com sede em Frankfurt.

Fomos amavelmente recebidos pelo dirigente Fritz Ahuser e alguns dos seus colaboradores, que, numa interessante exposição historiada e desenvolveu a vida e o espírito do Sindicato de 2,5 milhões de trabalhadores, tendo em dada altura ao referir-se a uma greve bastante grave em Wiesbaden feito afirmações que muito nos surpreenderam. Sublinhamos duas passagens: 1.ª «O encerramento da greve foi negociado com o nosso saudoso amigo barão Shneider» (o famoso patrão dos patrões assassinado pelos terroristas). 2.ª «Essa greve foi

uma derrota para nós, mas decidimos terminá-la porque os prejuízos no seu todo elevavam-se a montantes demasiado altos e assim, mais uma vez, tivemos a oportunidade de revelar não só a nossa consciência de classe, mas também o nosso alto sentido do interesse nacional».

Que magnífica lição de humanismo e de equilíbrio.

Um dirigente sindical classifica de saudoso amigo o seu maior opositor, ao mesmo tempo que tem a coragem de admitir uma derrota porque os custos dessa luta atingiam o todo económico do país!

Que contraste face ao que nos é dado ver dia a dia neste pós 25 de Abril!

Creio que não existem empresários portugueses que neste período não tenham sentido a prática da filosofia do ódio, o estilo de luta marcadamente intimidativo e demolidor, a exclusiva visão dos interesses do espírito português e esquecendo que os aumentos regulares de salários e outras reivindicações só poderão ser atendidas em situações económicas de solidez nas empresas e no País.

A greve fácil, o clima tenso e agressivo nas relações de trabalho, o desinteresse pelo labor profissional, o absentismo desonesto, o ódio ao patrão e dirigentes empresariais hão-de levar-nos — se assim continuarmos — a uma completa ruína económica e social.

Onde está, de facto, a raiz do problema do desemprego? É evidente que é esta prática e este estilo que desencoraja o empresário e o leva a não tomar iniciativas. Hoje, criar postos de trabalho é algo de heróico e que poucos estão dispostos. Porquê? Pelas razões atrás expostas e outras que constituem o que vulgarmente se apelida de ditadura sindical.

Qual é na verdade o motor do encarecimento dos produtos? Os tempos de greve, a improdutividade, o desleixo no trabalho, provocando o empobrecimento do País, enfraquecendo a sua moeda, encarecendo não só os muitos produtos que importamos como aqueles que fabricamos, onde necessariamente terão que ser incorporados os elevados custos do abandono do trabalho e das quebras de produção.

Será que os nossos sindicalistas não hão-de, reconhecer que esses processos produzem verdadeiros efeitos de «boomerang»?

Assim, ao ser criada uma nova Central Sindical situamo-nos numa posição de expectativa, na esperança de podermos vir a ter uma prática sindical semelhante aos países democráticos duma Europa onde ambicionamos inte-

(continua na pág. 9)

## Lar para a terceira idade em Loulé

(continuação da pág. 1)  
despacho conjunto dos secretários de Estado da Segurança Social e Saúde, promulgado com vistas a reembolsar a Misericórdia dos dinheiros gastos no Hospital depois da sua nacionalização.

Como se depreende, a decisão contempla um acto de justiça, que nos cumpre sublinhar e enaltecer.

## Trespassa-se

Armazém de vinhos, de depósitos aéreos e subterrâneos com vendas a retalho e a atacado, serve para outro ramo de negócio. Telefone 62256 — Av. José da Costa Mealha, 93 — LOULÉ.

(2-2)

# E o

## EURODOMUS

# móveis pinto

### UM TOQUE DE BELEZA E DE CONFORTO

### Exposição de mobiliário

### CLÁSSICO E MODERNO

### dos melhores fabricantes do País

### TUDO PARA A CASA

Lojas: LOULÉ

R. Dr. Frutuoso da Silva, 70 — Telef. 62083  
Av. José Costa Mealha, 27

PORTIMÃO

R. França Borges, 1-C — Telef. 22015



Naquela noite estivemos lá...

# Vimos, ouvimos e vamos contar

(continuação do n.º anterior)

## ELEVAÇÃO DE QUARTEIRA A VILA

Este foi um dos pontos mais quentes da noite. De um lado todos os membros do Partido Social Democrata defendendo os interesses e anseios da população de Quarteira e apoiando uma moção apresentada no sentido de elevar Quarteira a Vila, que não era mais que um pedido de apoio à moção apresentada pelo P. S. D. na Assembleia de Freguesia de Quarteira em 23/11/78 e aprovada por unanimidade.

De outro lado algumas opiniões divergentes.

Foram produzidas diversas afirmações relativas à moção de elevar Quarteira a Vila, mas as opiniões contrárias foram muito pouco consistentes. Aliás o sr. Presidente da Câmara dissertou tão brilhantemente acerca da proposta que convenceu toda a Assembleia, com excepção da representante da APU.

O sr. Andrade de Sousa, defendeu acaloradamente a pretensão de Quarteira, que considerava justa e aconselhava a Assembleia a apoiar um desejo legítimo daquela Povoação, pois «devemos ficar satisfeitos quando um dos filhos de Loulé deseja naturalmente ser um pouco mais». Assim ficou assente que, pelas vias oficiais a Assembleia desse conhecimento às entidades competentes, tendo o sr. Presidente da C. M. L. afirmado que poria o assunto à sessão de Câmara da próxima terça-feira e que daria todo o seu apoio. Pela parte do Partido Social Democrata, que pôs a moção à Assembleia, é de realçar a forma correcta e firme como defenderam os anseios da Povoação de Quarteira, a Dr.ª Odete, o sr. Faria e o sr. Bota Espadinha. Esta moção foi votada por maioria.

É particularmente curioso salientar a atitude paradoxal do sr. Lima que alegou «não ter Quarteira sequer instalações capazes para a Junta de Freguesia» e «esqueceu-se», propositadamente que está a ser construído um edifício no Largo do Mercado para esse efeito... e de cujos trabalhos tem conhecimento.

E o mais engraçado ainda é que o sr. Lima entende que as Juntas de Freguesia de todo o Concelho de Loulé devem tratar de passar licenças de caça, cães, electricidade e outras, sem se preocupar em saber se essas juntas têm ou não capacidade de resposta para resolver esses problemas. Parece assim que, para o sr. Lima, o importante é estar sistematicamente «do contra».

A APU só defende os «interesses do Povo» quando estes são convergentes com os interesses da sua linha política.

FAÇA A SUA PUBLICIDADE

EM

«A VOZ DE LOULÉ»

PARA AS FESTAS QUE SE AVIZINHAM

PREFIRA O

# BOLO-REI DA LOULEPÃO

O MAIS SABOROSO

O MAIS ATRAENTE

Prove o Bolo-Rei da LOULEPÃO

Contacte connosco pelo Telefone 62019 — LOULÉ

Anote-se o caso de Quarteira. Antes da Ordem do Dia, o PSD apresentou uma moção pedindo um minuto de silêncio pelos mortos do 25 de Novembro de 1975. Aprovada por unanimidade. De pé, Assembleia e público fizeram um minuto de silêncio.

Entrou-se na ordem do dia com a leitura do relatório da comissão nomeada para verificar as possíveis anomalias da construção civil no Concelho, leitura que pouco disse à Assembleia e ao público (que era numeroso) pois foi entrecortada por explicações dos srs. eng.º Pedroso e Arq.º Paião, membros do Gabinete Técnico, que aceitaram como válidas as críticas que lhes foram feitas e justificaram as causas que provocaram alguns dos erros mais evidentes, os quais deveriam ser corrigidos na medida do possível.

Cabe aqui salientar o caso de um bloco aprovado para 8 andares, que ficou reduzido a 7 pelo facto de ter avançado 4 metros em relação ao prédio vizinho. Além disso, foi defendida a tese que os prédios seguintes ficariam ainda mais baixos para evitar disparidade de altura em relação aos seguintes já construídos. Aconteceu simplesmente que, escassos meses depois, foi autorizado um novo bloco que avançou ainda mais 4 metros sobre a rua mas... ficou ainda mais alto do que o outro...

E o mais engraçado é que isto se passou em Loulé e não em Quarteira, onde «vale tudo» em matéria de construção e onde as asneiras não param...

Depois de todos os erros apontados pela Comissão e terem sido reconhecidos como tal pelo Gabinete Técnico, muito curiosamente surge uma proposta do sr. Domingos Chagas de apoio à Comissão e ao Gabinete Técnico, o que causou grande estupefacção, pois dificilmente se pode perceber como é possível apoiar quem aponta os erros e, simultaneamente, quem cometeu os erros...

Por isso o PSD pediu um pequeno intervalo para rever o problema e decidiu retirar a moção de censura e apresentar uma moção de desconfiança temporária. De positivo, ficou o pedido do sr. Arquitecto de se ver rodeado de uma Comissão de apoio. O sr. Presidente da C. M. L. esclareceu que a Câmara tem poderes para mandar demolir qualquer obra clandestina sem ter que recorrer ao tribunal.

O último ponto da noite, foi o assunto dos novos preços da água. Ouviram-se exposições do PSD e da APU. Num ponto foram comuns: o documento apresentado pela Câmara Municipal para análise e decisão do aumento dos preços, não oferecia quaisquer hipóteses de estudo de forma a concluir se os preços propostos eram ou não correctos. O PSD voltou a informar a C. M. L. que não aceitava pronunciar-se sobre qualquer documento que não contivesse o mínimo de condições a um estudo consciente sobre a matéria a decidir, pois não estava na disposição de aceitar o dilema de votar ou não votar. A APU

apresentou argumentação semelhante e adiantou novos preços que não foram apreciados devido a ter-se decidido a nomeação de uma comissão com plenos poderes da Assembleia para colaborar com a C. M. L. na apreciação dos novos preços da água. Nas argumentações sobre este assunto assistiu-se à intervenção do sr. Presidente da C. M. L. quanto a nós bastante infeliz.

Politicamente foi uma noite para esquecer.

Uma última nota. Esta também politicamente desagradável, deram os membros do P. S. ao denunciarem publicamente a sua desorientação. Primeiro por não saberem se deveriam ou não pertencer à comissão nomeada e recusando-se a aceitar tal incumbência, o que lhes mereceu um reparo por parte de um membro do PSD. Segundo a declaração de um dos seus membros que não sabiam o que haviam de fazer porque a pessoa que devia falar não estava presente. Isto caiu muito mal em todos os presentes. De realçar a forma como o sr. Eusébio do PS na sua simplicidade solucionou o problema da constituição da comissão para o estudo dos novos preços da água.

Perto das quatro horas da manhã, antes da Assembleia terminar foi dada a palavra ao público e apenas se verificou uma intervenção para esclarecimento do n.º de fogos do bairro de Quarteira.

Apesar do incidente inicial e do não acatamento das directrizes da Mesa por parte de dois membros da Assembleia que se entretiveram a trocar argumentos, não podemos deixar de considerar o trabalho do presidente em exercício, sr. Pires de bom nível.

Joaquim António

## Governo francês dá dinheiro aos emigrantes para regresso à Pátria

Para encorajar o regresso dos trabalhadores às suas terras de origem, acabou recentemente o Conselho de Ministros francês de adoptar uma lei, que diz respeito a quatro milhões de pessoas, atinente a uma ajuda pecuniária de 10 000 francos (cento e cinco contos).

Cerca de 40.000 pessoas (argelinos a maior parte) já recorreram a essa ajuda.

Tal medida foi retomada sob a forma legislativa, pelo Governo francês, homologando a doutrina

defendida pelo Ministro do Trabalho, que através de uma circular de Julho de 1977 instituiu uma «ajuda para o regresso» destinada aos trabalhadores estrangeiros que desejassem regressar definitivamente aos seus países.

## Golfe internacional no Algarve

Terminou recentemente nos «greens» do Hotel Penina um torneio de golfe promovido pela Golfe Holiday do Canadá do qual saiu vencedor uma equipa do Burlington Club.

As equipas da referida colectividade canadiana eram compostas por 33 profissionais e 99 amadores, tendo-se deslocado expressamente de Montreal e de Toronto.

O conjunto vencedor era formado pelo profissional John Davis e pelos amadores Johnn Lowson, William Stradwick e Dick Husband.

## VAI A LISBOA?

Hospede-se no HOTEL LIS, de 2 estrelas.

Situado na Avenida da Liberdade, 180.

Telefs. 537771 e 563434.

Quartos com aquecimento, banho, telefone e com baixos preços.

seus efeitos mágicos sobre o grande número de congressistas, técnicos e profissionais, que de todo o País e do estrangeiro se deslocaram até ao Algarve, que se discutiram e equacionaram os múltiplos e complexos problemas que envolvem e afectam o turismo nacional, com as suas inevitáveis consequências, procurando, certamente, encontrar a terapêutica mais adequada para a sua resolução, com ordem e simplicidade, o que se nos afigura tarefa muito difícil dada a complexidade da conjuntura nacional.

A todo o ambiente que aqui se viveu, rodeado de grande expectativa, como é natural, não foi alheio o tempo que vestiu as suas melhores galas e com o seu sol outonal, quente e acariciador, quiz, assim, receber e saudar os congressistas, anunciando, ao mesmo tempo, que até no Inverno é agradável fazer férias em Portugal.

Julgamos também, que o calor humano que rodeou todo este labor intenso não terá deixado de calar profundamente na mente dos congressistas, proporcionando, assim, um clima de trabalho fecundo e absorvente, propício à meditação e discussão profunda e honesta das realidades turísticas portuguesas. E digo honestas porque mal virá ao País se os responsáveis procurarem esconder ou camuflar as nossas realidades, vendendo aquilo que não podem dar ou oferecer.

O Algarve é, sem sombra de dúvida, a região ideal para passar férias durante todo o ano. Tem praias maravilhosas, algumas delas mutiladas pela incompreensão e ganância dos homens com a implicidade das autoridades responsáveis; tem um clima ameno, até no inverno; um sol acariciador que bronzeia e vivifica as peles mais delicadas e sensíveis; um povo que patenteia hospitalidade e bonomia; pomares de frutas apreciadas pelo seu sabor e doçura; hortas que inundam os mercados prematuramente; o seu artesanato muito característico; os seus deliciosos vinhos; a sua culinária regional (que está a desaparecer); as suas serras selvagens, etc.

Mas falta-lhe muito para ombrear de igual para igual com os seus émulo. E senão demos um saltinho à vizinha Espanha e vejamos...

Uma boa rede de estradas; uma marginal ao longo do seu litoral para dar a conhecer, em toda a sua pujança, as maravilhas com que a natureza, prodigamente, a engalanou, na sua maioria ainda ignoradas; infraestruturas que resolvam os problemas mais urgentes do saneamento básico; abastecimento de águas que satisfaçam populações na estação alta; uma rede de fornecimento de energia eléctrica capaz de resolver todos os problemas de iluminação e força motriz; maior atenção e acuidade às praias, não esquecendo os seus acessos e estacionamento; parques de campismo, uma necessidade que se impõe junto dos principais centros de turismo; programas de animação cultural, recreativos e folclóricos; concursos de pesca desportiva, motonáutica, remo; touros; teatro, jogos florais; gincanas; ciclismo; natação; tenís; golfe, etc., são motivos aliantes indispensáveis a um bem delineado e elaborado programa turístico.

Aproveitando a estadia em Albufeira de centenas de profissionais de hotelaria e turismo, que participaram neste Congresso, a direcção do Hotel Sol e Mar teve a feliz iniciativa de reunir um numeroso grupo de amigos seus e brindá-los com um almoço de confraternização, que serviu de pretexto para uma sábia convivência e troca de impressões acerca de problemas ligados ao turismo. Pela nossa parte agradecemos a gentileza do convite que nos foi dirigido.

(8-5)



## EXPLICAÇÃO A PROPÓSITO DA INSTALAÇÃO DO MUSEU DE LOULÉ

A verdade  
a que temos direito..

(continuação da pág. 1)  
te sugestões quanto ao edifício onde o Museu poderia ter morada de forma condigna.

Talvez, além disso outras considerações que embora envolvidas na mesma temática, são de ordem opinativa pessoal, que se situam à margem do assunto «Museu», propriamente dito, e, com os quais nada temos a ver.

Reportamo-nos, portanto, apenas à «instalação do Museu de Loulé», já que nos parece pertinente fornecer algumas achegas sobre a questão que despertou por parte do aludido autor compreensível estranheza — sintoma seguro de que lhe é cara e grata, a causa cultural.

Para melhor apreciação extracemos os seguintes pontos inseridos no comentário de Carlos Albino Guerreiro:

«Mas tentar metê-lo numa desdentada ex-escola primária ainda que disponha do respeitável badalo do Conde Ferreira, ou revela determinação de o fazer sem mais canseiras, ou constitui firme propósito de atirar para a cova toda a «arquitetura de museu», que em Loulé resta».

«Voltando à vaca fria: se faltassem edifícios em Loulé, estas palavras seriam para consternar e ofender.

Mas não!»

«Pegue-se então no Convento de Santo António de Loulé: reconstrua-se o que se lhe arruinou, dignifiquem-lhe a existência com uma limpeza indispensável à Arte; gaste-se nessa higiene o dinheiro, e, se não se poder pegar em tudo, comece-se por uma ponta. Instale-se aí o Museu».

«Em Loulé hoje não vemos sítio mais adequado para suportar um

Museu e admitir a sua expansão no futuro».

Tanto quanto sabemos (componentes da Comissão Pró-Museu não foi descurado e até mereceu detida atenção, tanto por parte do grupo de trabalhos pró-Museu, como do Município louletano, o edifício a destinar ao Museu, encarando-se e analisando-se uma a uma (para o efeito, diversas hipóteses).

Entre estas alinharam à partida, o Castelo e edifícios anexos, inclusive o Convento de Santo António e outros mais, mas que não tardaram a evidenciar-se impraticáveis, a breve prazo, em face aos elevados e incomportáveis custos a que obrigariam as respectivas obras de restauro, para não falar no valor das aquisições a propiciar aos seus actuais proprietários.

No tocante ao Castelo, só a parte das muralhas, que está sob a jurisdição dos Edifícios e Monumentos Nacionais, é que se encontra em bom estado de conservação, não sucedendo o mesmo aos edifícios contíguos, degradados e praticamente em decomposição, estes de propriedade particular.

Quanto ao Convento de Santo António, para o qual a comissão volveu os seus olhares cobiosos, uma simples avaliação bastou para deitar por terra qualquer tentativa de recuperação, mesmo esboçada gradualmente por fases.

A complexidade e a dimensão dos seus volumes, em situação de inteira e lastimável ruína, pedem e clamam o patrocínio de um «mecenas» (inexistente), pronto a gastar uns tantos e não poucos milhares de contos, sem olhar a restrições.

Independentemente disto, ha-

via também um projecto ambicioso de um centro polivalente de cultura, acarinhado pela Câmara Municipal, o qual se integrava no seu plano de actividades.

Também, pelo mesmo motivo (razões de ordem financeira), a sua concretização foi adiada para uma mais favorável oportunidade, «sine die», de duvidosa proximidade.

Pode-se dizer que na verdade foram sopesadas todas as probabilidades com efeito, mas de antemão condenadas ao fracasso, não só pelas contingências negativas da sua situação e conservação como também pela magreza orçamental do Município, a braços com obrigações e solicitações instantes do maior Conselho do Algarve.

Ante as questões examinadas, sobreveio o dilema: terá Loulé, uma vez mais de aguardar que surja, ao longo do tempo, um crédito ou um subsídio «salvífico», ou perderá, outra vez, o tempo de iniciativa necessário para que uma aspiração há tanto tempo acalentada, possa vingar, definitivamente?

Entre estas duas implicações, optou-se pela viabilização tão breve quanto possível, da «ideia Museu», mesmo que de início a sua instalação se processasse a título precário e provisoriamente.

Por tal motivo, à falta de um imóvel de recuperação: menos onerosa, e mais digna, se escolheu a escola Conde Ferreira, sabendo-se muito bem que este edifício não correspondia aos fins em vista, tanto no campo estético como no monumental.

De resto, espera-se que a médio prazo, quando o Tribunal for transferido para um edifício próprio, a erigir na zona de expansão nordeste de Loulé, e vaguem então as instalações onde actualmente

funciona (o antigo Convento do Espírito Santo), o Museu, já nessa altura devidamente estruturado e dotado de um património, salvaguardado das depredações humanas, da gula insaciável dos coleccionadores furtivos e da erosão destruidora das intempéries, possa enquadrar-se com merecida dignidade.

Até lá, porque um Museu não é feito somente pelo seu revestimento arquitectónico, muito há a fazer e nada se perde se a boa vontade dos seus promotores se empenhar na preparação e exposição do seu sempre inconcluso recheio, para não mencionar as jornadas de dinâmica cultural a que a sua abertura ao público, ainda que precária, dará decerto incremento e azo.

A Comissão  
Pró-Museu de Loulé

**Lutadores  
anti-fascistas  
e outros**

Há vários lutadores: anti-fascistas, anti-terroristas, de luta greco-romana, etc. Uma coisa é certa: após a luta vem o cansaço.

Para vencer o cansaço, durma num colchão EPEDA ou Delta Loc, ambos com garantia «Spring Spring-mark».

Adquira-os na CASA SIMÃO, na Av. Marçal Pacheco (10-4)

Noticiou o «O Diário» que elementos afectos ao PPD teriam assaltado a sede do PS em Sagres. Para esclarecimento da opinião pública a Comissão Política Distrital de Faro do PSD informa:

1) — É falso que elementos sociais democratas tenham assaltado a sede do PS em Sagres até ao que não existe nem nunca existiu qualquer sede socialista naquela povoação.

2) — São evidentes os interesses que «O Diário» pretende atingir e pena é que os jornalistas daquele matutino desconheçam por completo a ética profissional.

(Do Gabinete da Comissão Social do P. S. D.)

## APARTAMENTOS

VENDEM-SE

Em acabamentos, situados na Rua Frei Joaquim de Loulé, 45 — Loulé.

Trata no próprio local. (4-1)

## LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ



SEDE:

Vale Caranguejo TAVIRA

Telefone 23051 a 057

SUCURSAIS:

TAVIRA — Rua João Vaz Corte Real, 2 a 8-5-9

VILA R. STO. ANTÓNIO — Rua Gen., H. Delgado, 52

OLHÃO — Avenida da República, 70-74

FARO — Rua Ataíde de Oliveira, 105-A

LOULÉ — Travessa do Mercado

PORTIMÃO — Rua D. Carlos, 1-2-9-13

GRÂNDOLA — Rua Vasco da Gama, 37-41

SETÚBAL — Rua Dr. Alves da Fonseca, 4-5-A-B

BARREIRO — Rua Eça de Queirós, 12 a 16

ALMADA — Avenida Rainha D. Leonor, 8-A, B, C

AVEIRO — Rua Cap. João Pizarro, 50-52-A

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua da Liberdade, 48-52

# UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO AO SEU SERVIÇO DE NORTE A SUL DO PAÍS

Deseja a todos

FELIZ NATAL

e

próspero

ANO NOVO

em paz e alegria



# Visitar amigos no estrangeiro e ficar a saber como vivem

Em passeio turístico e também de visita aos seus muitos amigos que ali trabalham, deslocaram-se à Venezuela, os nossos conterrâneos e prezados amigos srs. José Teixeira Coelho (Pires) e Aníbal Martins Madeira.

Por mero acaso soubemos desta digressão e também por acaso conversámos com ambos acerca deste passeio. Ficámos assim sabendo do magnífico acolhimento que a ambos foi dispensado durante a sua permanência naquele progressivo e rico país sul-americano, onde vive e prospera uma tão numerosa e entusiástica colónia louletana, que aqueles nossos amigos chegaram a ter a sensação de estarem sendo recebidos na sua própria terra, após longos anos de ausência por terras estrangeiras...

É-nos particularmente agradável registar este facto pois assim se evidencia mais uma vez, e de forma inequívoca, o bairrismo dos Louletanos e o seu patriotismo sempre que se lhes oferece a mínima oportunidade de demonstrar o seu amor à terra que lhes foi berço e donde um dia partiram em busca de um futuro mais promissor para si e sua família.

As festas íntimas de exuberante alegria em que todos os convivas deram largas ao seu indelével louletanismo foram não só claras manifestações de simpatia e amizade para com os visitantes, mas também provas evidentes de como os Algarvios sabem reunir-se e se regozijam com a presença amiga daqueles que se deslocam a terra distante para as saudades e abraços.

Igualmente muito agradável é sabermos do elevado nível de vida que os nossos compatriotas ali disfrutam e que é claro reflexo duma prosperidade que só não atinge 100% da população porque, infelizmente, também naquele país há quem não goste de trabalhar e prefira viver de habilidades.

Mas os que trabalham, e que através dum trabalho constante e dinâmico, têm sabido aproveitar as imensas riquezas da Venezuela, cuja economia assenta essencialmente na produção petrolífera, conseguiram transformar, em relativamente poucos anos, um país inóspito e atrasado no mais próspero e feliz de toda a América Latina.

Os nossos conterrâneos deslocaram-se também aos Estados Unidos, onde também visitaram numerosos amigos louletanos que, graças à sua capacidade de trabalho e inteligência, conseguiram atingir elevada posição económica e social, o que lhe proporciona uma vida feliz e desafiadora, apesar de saudosos da terra natal.

E provam-no o facto de muitos deles serem clientes do Aníbal Madeira, a quem compraram apartamentos em Loulé e Quarteira, apesar de já possuírem as suas próprias casas, onde habitam com todas as comodidades próprias duma sociedade próspera e feliz.

Como consequência desta viagem aqueles 2 países americanos os srs. Aníbal Madeira e Pires, podem agora desmentir frontalmente algumas atoardas, que tinham ouvido em Loulé, de que os nossos emigrantes viviam pobremente naqueles países. Eles viram e sentiram que a prosperidade é uma constante nos países onde se trabalha em segurança e paz. E viram também que, onde há trabalho, há segurança e prosperidade, que é sinónimo de felicidade.

Porque a grande verdade é que a indigência não pode proporcionar felicidade a ninguém.

E é por isto que é reconfortante saber que os louletanos resi-

dentem na Venezuela e nos E. U. A. vivem felizes e podem sentir-se felizes por receber nas suas casas (cujo conforto deixa transparecer o nível de vida dos seus ocupantes) os velhos amigos e conterrâneos que lhes levam fraternos abraços de amizade e de saudade.

Face ao exposto e considerando que «A Voz de Loulé» é muito lida pelos nossos conterrâneos residentes na Venezuela e E. U. A., cabe aqui felicitar quantos louletanos souberam aproveitar da permanência dos amigos Pires e Aníbal Madeira, para exteriorizarem os seus sentimentos de puro bairrismo e indesmentível patriotismo numa época em que, infelizmente, tantos portugueses aqui residentes, são capazes de vender a alma ao Diabo só para servirem interesses partidários e dessemelharem o papel de lacaios do social-fascismo, numa clara posição de traidores à Pátria onde nasceram.

## HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que, por escritura de 6 do mês corrente, lavrada de fls. 52 v.º, a 53, v.º, do livro n.º C-56, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de António Francisco, ocorrido no dia 3 de Setembro do ano em curso, no Hospital Distrital de Faro, freguesia da Sé, concelho de Faro, natural da freguesia de Salir, concelho de Loulé, habitualmente residente no sítio do Freixo Seco, da mesma freguesia de Salir, no estado de viúvo de Serafina Rita, com quem havia sido casado em primeiras e únicas núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, que não deixou testamento, foi habilita-

da como seu único herdeiro, sua filha:

Maria Palma Francisco, casada segundo o regime da comunhão geral de bens, com Manuel João Anica, natural da freguesia dita de Salir, e residente no sítio do Freixo Seco, da mesma freguesia.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 9 de Dezembro de 1978.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

A Voz de Loulé n.º 706, 21-12-78

## TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ ANÚNCIO

Cart. Prec. 101/78  
Sec. Aux.

(1.ª publicação)

FAZ-SE saber que no dia 10 de Janeiro de 1979, pelas 10 horas, neste Tribunal Judicial de Loulé, nos autos de carta precatória vinda do 4.º Juízo Cível do Porto e extraída da execução de sentença sumária n.º 3266C/73, da 3.ª Secção, que Justino da Silva Santos move contra o executado Ângelo Ferreira Carneiro, casado, comerciante, residente em Vale da Venda — Faro, há-de ser posta em praça, pela 1.ª vez, para ser arrematada ao maior lance oferecido acima do seu valor, a «quota de 300 000\$00» que Ângelo Ferreira Carneiro já indicado, possui na sociedade comercial «Ângelo Ferreira Carneiro, Lda.», matriculada sob o n.º 509, a fls. 65 do Livro C-2 da Conservatória do Registo Comercial de Loulé. Loulé, 29 de Novembro de 1978.

O Juiz de Direito,  
a) Mário M. Torres Veiga  
O Escrivão,  
a) Américo C. Correia

## TV LIVRE: Privilégio ou direito?

(continuação da pág. 1)

pre adiado, mas sim aquela em que a liberdade é estrutural, em que constitui a mesma estrutura da sociedade.

Na organização dos Estados, a liberdade efectiva-se, não estilhaçada em «liberdades» (velha expressão absolutista retomada hoje por doutrinas totalitárias), mas direitos a que correspondem deveres. Nenhum direito, porém, tem qualquer mínima realidade se for separado ou desintegrado do múltiplo ou plural sistema, que tem por princípio a liberdade e dela se deduz e deriva. O direito de votar os governantes, por exemplo, é inseparável do direito à informação, pois quem não está informado de todas as alternativas possíveis não pode escolher entre elas. O direito de informação, por sua vez, é inseparável do direito de expressão, pois só há informação daquilo que previamente se conheceu e exprimiu. O direito de expressão, finalmente, é inseparável do direito de comunicação que consiste em cada um poder dispor daquilo que foi expresso pois é evidente que toda a revelação, por mais luminosa, carece sempre de quem a espalhe, difunda e semeie: o direito de comunicação é o equivalente jurídico, político ou social do apostolado evangélico.

O maior jornal português tem uma tiragem de 100 mil exemplares. Uma emissora radiofónica tem uma audição praticamente ilimitável e é difícil, portanto, de enumerar. A única televisão existente, a R.T.P., tem assistência estimada em 4 milhões de espectadores.

Ao afirmar-se que vivemos em democracia, tem de se afirmar que o direito de comunicação é um direito de todos os portugueses. E não se levantam, efectivamente, impedimentos a quem quer que decida fundar um jornal. Mas já se condiciona drasticamente a emissão radiofónica, e à autorização para o funcionamento da Rádio Renascença dá-se um carácter tão excepcional que constitui um privilégio que, como privilégio, a Igreja repudia. Por fim, o governo declara rigorosamente proibida a criação de uma emissora de televisão independente. Isto é, autorizam-se os órgãos de comunicação que, na melhor hipótese de êxito, só alcançarão 100 mil pessoas e proíbem-se aqueles capazes de abranger 4 milhões.

Estes os factos. Vistos em sua imediata eloquência, logo patenteiam o abismo que separa o poder de comunicação dos órgãos que são autorizados e o dos órgãos que são proibidos, um abismo cuja fundura se mede pela distância que vai dos 100 mil leitores dos jornais aos 4 milhões de espectadores da televisão e

que equivale, praticamente, a subordinar a totalidade dos portugueses à informação unitária e estatizada da única televisão existente.

Vistos os factos à luz do que expusemos — expressão de alguns dos princípios elementares imprescindíveis a uma sociedade minimamente civilizada — mergulhamos-nos eles num abismo ainda mais fundo, mais negro e mais absurdo. Começamos por não entender: pois um governo que extrai a sua legitimidade e a sua existência de uma eleição ou escolha que atribui à população, pode depois recusar, a essa mesma população, a disponibilidade de diversas fontes de informação e negar-lhe, portanto, a capacidade para escolher, eleger ou discernir. Começamos por não entender e acabamos por nos interrogar se não estamos mergulhados num pesadelo em que todas as contradições se conjugam, para banir a liberdade do homem, e destruir os mais elementares instrumentos de civilização.

O conflito que o Governo suscitou ao declarar publicamente a proibição de uma emissora de televisão independente, ainda está, porém, numa fase inicial que permite todos os recuos. Não sabemos se a R.T.L. já requereu o respectivo alvará. Não sabemos se, requerendo-o, o Governo tornará efectiva a proibição que anunciou e o recusa. É possível que toda a decisão dependa da Lei da Televisão cujo projecto foi aprovado em Conselhos de Ministros e que vai ser urgentemente discutido na Assembleia da República. Não sabemos qual o teor desse projecto. Não podemos prever a votação dos deputados que o vão discutir. Alimentamos, todavia, a esperança de que o texto final da Lei seja condizente com a democracia que se não nega ter-se instituído em Portugal e não recuse aos portugueses o direito e as vantagens de viverem no país civilizado que eles próprios edificaram. Se assim vier a acontecer, poderá estar aí o início de um processo que liberte a imprensa da esmagadora uniformidade exercida pela estatização dos principais jornais, que liberte a radio-difusão da ensurdecadora monotonia inerente à sua total estatização, que liberte os tele-espectadores, praticamente todos os portugueses, da unicidade informativa subordinada à unicidade ideológica e política do partido que está no poder. Esta a nossa esperança de homens livres e católicos. Caso ela não se realize, então a negra noite da dinamização obscurantista cobrirá a existência dos portugueses, noite cuja aurora dificilmente os vivos poderão ter a esperança de vislumbra-

Da revista «LAIKOS»

## MOBÍLIAS — MOBÍLIAS

MOBÍLIAS DE ALTA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

Grande stock de móveis em todos os estilos, lustres, candeeiros e alcatifas

## CASA SIMÃO A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA. — Telef. 62110

Exposição e Venda:

Av. Marçal Pacheco, 34 e 33 a 51

Salão de Exposição:

Praça da República, 8

Depósitos:

R. General Humberto Delgado e na R. Manuel Guerreiro Pereira em Loulé.

EO

A GERÊNCIA DE

## Móveis Pinto

APRESENTA RESPEITOSOS CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS AOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS E DESEJA-LHES

FELIZ NATAL

LOULÉ

PORTIMÃO



## IV Governo Constitucional obtém luz verde

(continuação da pág. 1)

rente com a sua posição de oponente.

Quanto às abstenções do PS, ao contrário do que se possa supor, não caracterizaram hesitações, mas a convicção de que bastaria guardar a neutralidade para que a balança pendesse para o lado mais conveniente das circunstâncias de vigência política do País.

Na sua intervenção final, Mota Pinto sublinharia, entre outras afirmações, referindo-se à recuperação do País, que «só é possível a recuperação do Povo, se este souber defender em todos os quadrantes a sua entidade colectiva, a sua história, a sua individualidade cultural, o que foi, o que é e o que deve ser no futuro, sem que isso signifique a restauração de velhas oligarquias.

A recuperação — disse — tem de se fazer pela reconversão da economia, através do investimento onde for possível, pelo aumento da riqueza e da produção tendo em vista uma maior justiça social que não pode ser a distribuição da miséria.

O Governo — acentuou mais adiante Mota Pinto — foi considerado conservador, o que não corresponde à verdade. A nossa principal ambição, é sermos realistas e sensatos, é termos presentes a prática de um realismo que passa pelas relações dos sectores público e privado, de juventude, dos valores culturais portugueses e esperamos começar a vencer o desafio.

### Grupo Desportivo e Cultural de Alte

#### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

##### 1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 16 do mês corrente, lavrada de fls. 42 a 44, do livro n.º A-99, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída uma associação de fim ideal, denominada «Grupo Desportivo e Cultural de Alte, com sede na Rua Dr. Cândido Guerreiro, s/ n.º, na povoação e freguesia de Alte, concelho de Loulé, que durará por tempo indeterminado e que tem por fim a promoção cultural, desportiva e recreativa, dos seus associados, sendo as condições essenciais para a admissão, exoneração e exclusão dos mesmos, bem como o quantitativo da jóia inicial e quota mensal, a definir pelo Regulamento Geral Interno, cuja aprovação e alteração são da competência da Assembleia Geral.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 21 de Março de 1978.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

(continuação da pág. 1)

um curso de vida, e até a vida deixa de ser vida.

Mas é Natal. Sinto-me feliz mas paradoxalmente infeliz ao pensar em tanta miséria que existe. Ao bater a meia noite peço para que o próximo Natal seja diferente. Lembremo-nos das crianças e dos pobres e que o Natal tenha para eles um significado e não apenas uma data especial do calendário.

LUÍS ROMÃO

# no B.N.U. só não está seguro quem não quer.



Basta ser depositante do BNU para estar automaticamente seguro. Sem trabalho. Sem demora.

Através do seguro do depositante. E, só se não quiser é que não aproveita as enormes vantagens deste novo serviço, que o Banco Nacional Ultramarino criou para si. Informe-se sobre o Seguro do Depositante em qualquer Agência do Banco Nacional Ultramarino.



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO  
DA EXPERIÊNCIA PARA O FUTURO

## O Natal

(continuação da pág. 1)

## Conhecidos os nomes dos premiados nos Jogos Florais do Algarve 1978

Cumprindo integralmente o estipulado no regulamento, o Rocal Clube enviou para os órgãos de comunicação social, e para cada um dos premiados, a lista dos distinguidos nesta edição dos já famosos Jogos Florais do Algarve, organização desde sempre daquele dinâmico Clube de Silves.

Os 3 membros do Júri tiveram que apreciar 2808 trabalhos, mais do dobro dos do ano passado, o que mostra o crescente interesse

do público por aquela prestigiada manifestação cultural do Rocal Clube.

A distribuição dos prémios está prevista para o dia 26 de Dezembro durante uma cerimónia que consagrará os Poetas distinguidos.

FAÇA A SUA PUBLICIDADE EM «A VOZ DE LOULÉ»

## Atendedor / Vendedor

De carburantes precisa-se. Trata-se na Shell — LOULÉ.

## MECÂNICO

PRECISA-SE

Para máquinas agrícolas. Trata Stand Avenida — Telef. 62482 — LOULÉ.

(2-1)



## CONHECER PARA TRANSFORMAR

# A agricultura portuguesa: um peso morto na economia nacional até quando?

(Conclusão)

Num primeiro passo seria necessário equacionar-se os meios indispensáveis, capazes de prender ao campo, uma camada de jovens, aberta ao trabalho agrícola moderno: uso de técnicas e organizações colectivas que permitissem bons salários e uma óptima produção; para tanto haveria que fornecer à agricultura e ao seu mundo os meios de promoção (salários, cultura, convívio, lazer, etc.) que interessassem os mesmos jovens por tal actividade; antes de mais tratar-se-ia de um problema de adaptação à terra de estrutura etno-social e de psicologia social, isto é, de uma adaptação da sociedade rural, das suas expectativas de comportamento e dos seus costumes, sem a qual não seria viável a exploração da terra em moldes racionais e rentáveis.

Uma vez assimilados os novos progressos técnicos de produtividade pelas camadas de jovens, o êxito da exploração agrícola não dependeria, somente, da boa vontade daquelas, mas, principalmente, da sua capacidade financeira para investimentos (a obter por meio de empréstimos especiais) e da relação funcional entre o diverso material utilizado e a superfície mínima de exploração que daria rentabilidade à sua utilização; quer dizer que só pleno emprego da maquinaria, tirando dela o máximo de rendimento relativamente ao capital investido, não agravaria os preços de custo dos produtos e asseguraria uma boa produtividade.

Sendo assim parece que, so-

mente, através da organização de cooperativas de produção de consumo e outras, pelo agrupamento das terras (na maioria retalhadas em pedaços mínimos que não permitem uma exploração lucrativa e produtiva) e de esforços, seria possível obterem-se maiores rendimentos e melhores produções e aproximar os salários agrícolas dos restantes.

No entanto, tal agrupamento de pessoas e bens, pelo menos, numa primeira fase e enquanto existirem agricultores agarrados aos costumes tradicionais e tradições sociais em que a propriedade desempenha papel importante na demarcação do seu papel e status, não é, por eles pacificamente aceites; a sua maneira de ser individual e interesseira leva-os a pedir mais da organização colectiva do que aquilo que pretende oferecer-lhe; são desconfiados e têm medo de estranhos não desejando perder a sua independência e individualmente (papel e status); em tal domínio seria, pois, necessário proceder a uma hábil escolha da fronteira entre o que é colectivo e o que continuaria individual dependendo dela o êxito ou fracasso de qualquer cooperação.

Parece fora de dúvida que as cooperativas constituem a melhor solução para a maioria dos casos da agricultura portuguesa; a associação técnica e espacial aplicada aos diversos sectores da produção primária também resolveria os problemas da venda dos diversos produtos, que, pela construção de cadeias de frio e de meios de transporte adequados libertando-se dos intermediários, chegariam ao consumidor, em melhores condições e a melhor preço.

Mas para que tudo isto se realize e tome forma é preciso planejar, organizar, trabalhar, ter vistas largas uma vontade esclarecida muito amor pelos outros, muita verticalidade e muita honestidade; que se acabem com as improvisações, com as soluções empíricas, parcelares e de ocasião, com os planos, obras e outros trabalhos que só interessam para e a alguns; com os técnicos de punhos de renda que são incapazes de sair de Lisboa e de se misturarem com os outros, com as rivalidades profissionais dos vários ramos do saber...

O País precisa de ultrapassar a fase de subdesenvolvimento em que se encontra; mas só com uma

correcta planificação, a nível nacional e regional, dos vários sectores da vida nacional que assente em dados científicos, escrupulosamente preparada, por especialistas de campo, trabalhando em equipa (agronomia, pedologia, ecologia, biologia, medicina, ciências sociais, etc.), com a intervenção, ajuda e concordância dos agrupamentos humanos interessados, poderemos criar um mundo para todos os portugueses.

Mas enquanto isso não acontecer e os responsáveis estiverem ocupados na discussão de plataformas, de posições partidárias, de coisas supérfluas, entretidos com o jogo de palavras salvadoras e com um ambicionismo pedante, a agricultura e as outras actividades dos sectores primário e secundário, continuarão a afundar-se, sem terem uma planificação, organização e administração correctas e os homens do campo, mais uma vez eles, esquecidos, irão cumprindo o seu triste fadário. Em nome de quem e de quê? Até quando?

C. D.

## CARTEIA — um nome que renasce

Segundo alguns historiadores, o nome da povoação piscatória de Quarteira terá a sua origem na antiga Carteia, que se supõe ser do tempo dos romanos e que estaria ligada à antiga povoação de Loulé Velho, de cuja existência se conhecem indícios através de vestígios submersos ao longo da costa de Quarteira.

Para outros historiadores, Loulé teria sido construída com os materiais da antiga cidade de Carteia e cuja exacta localização parece enigmática.

Porém, no momento exacto em que escrevemos, temos uma certeza: Carteia existe de novo!

Não uma povoação, vila ou cidade, mas única e simplesmente como restaurante à beira mar e portanto na praia que pertenceu à histórica Quinta de Quarteira e que o engenho e a capacidade intelectual e realizadora do homem transformou nessa potencialidade turística que hoje se chama Vilamoura e cujo contributo para o progresso do concelho de Loulé é bem evidente.

Vilamoura, e em especial a sua já famosa Marina, é hoje zona preferida por quem gosta de passear aos domingos fora do seu ambiente diário de trabalho.

E foi exactamente num desses passeios que nos proporcionou conhecer melhor o restaurante «Carteia» inaugurado em finais do Verão e proficientemente dirigido pelo conhecido profissional de hotelaria e nosso prezado amigo sr. Leonel de Sousa e que ali tem conseguido manter um serviço de mesa prestigioso para o próprio turismo local, o que naturalmente tem tido a evidente correspondência de quem o utiliza para as suas habituais refeições — mesmo quando o Sol não é o aprazível companheiro dos que apreciam estar à beira mar.

Estas palavras não têm por objectivo fazer propaganda do restaurante a que nos estamos referindo, mas tão somente chamar a atenção de muitos outros profissionais de hotelaria em cujo restaurante nunca é «servida» uma palavra de afável graciosidade; de aprazível convívio; um amável gesto de simpatia; uma proveitosa e agradável sugestão; um aceno de cortesia e onde as falhas de um mau serviço se contradizem com os elevados custos das refeições servidas — o que é terrivelmente mau para uma zona de turismo.

Porque se situa junto ao mar e também porque está integrado no complexo turístico de Vilamoura, em cujo futuro promissor de novo se aposta — passada que foi a rebeldia dum processo folclórico e anárquico, cuja sede de destruição também atingiu aquele complexo turístico — pensamos que o típico restaurante «Carteia» está destinado a ponto de encontro para os apreciadores da boa cozinha, o que aliás já está acontecendo.

Felicitemos o nosso prezado amigo Leonel de Sousa pelo excelente serviço que o restaurante «Carteia» presta ao turismo da nossa região e desejamos prosperidade para o seu negócio.

## IMPOSTO COMPLEMENTAR

Desde o passado dia 2 de Dezembro e durante este mês estará a pagamento o Imposto Complementar, secção «A», respeitante ao ano de 1977.

Não obstante, o pagamento podem ser feito ainda nos 60 dias seguintes, mas acrescidos de juros de mora: 2 por cento em Janeiro, 4 por cento em Fevereiro.

O pagamento é feito na Tesouraria do bairro fiscal da residência do contribuinte, excepto para aqueles que declararam de desejo efectuá-lo na tesouraria da repartição central do Imposto Complementar.

O imposto deve ser pago de uma só vez. Porém, antes do relaxe, pode o interessado efectuar liquidacões parcelares que não podem ser inferiores a 5.000 escudos nem a 10 por cento da importância total da dívida.

## QUARTEIRA TEM NOVO CLUBE

Antigos praticantes de diversas modalidades desportivas, nomeadamente os srs. Paulo, Mairinho, Vítor Faria, Edmundo Menau e Sebastião Guita, decidiram dotar Quarteira com um novo clube desportivo e tentar assim dinamizar actividades cuja prática tem estado ali adormecida e conhecidas por amadoras.

Quarteira Sport Clube foi a designação escolhida.

Segundo nos informam já está em actividade a secção de andebol, contando com os seguintes escalões:

- Minis
- Infantis
- Iniciados
- Juvenis Femininos
- Seniores masculinos

Os dirigentes desta nova e promissora agremiação desportiva contam com o apoio da população local e das entidades oficiais, para que seja possível incrementar o desporto dentro a juventude quarteirense e, de algum modo, contribuir para o progresso de Quarteira.

## Amendoeiras prontas a plantar

Vende: Manuel Neto Martins.

Sítio da Perna Seca — ALTE. (3-3)

## VENDE-SE

Uma courela com 3.000 m<sup>2</sup> situada no sítio de Momprolé (Loulé), confrontando com Alexandre Rosa da Ponte e Jacinto Guerreiro Dias e caminho.

— Uma propriedade sita na Campina de Baixo (Loulé) confrontando com Herdeiros de António Nunes Teixeira e Francisco Mendonça e Manuel Fernandes e caminho. Com 1,4 hectares.

Tratar com José Chagas — Telef. 62185 — Farmácia Chagas — LOULÉ.

## Festas em honra e louvor de Nossa Senhora da Conceição em Quarteira

De 7 a 10 de Dezembro últimos, decorreram em Quarteira as celebrações em honra de Nossa Senhora da Conceição, as quais foram objecto de condigna programação.

No dia 7, houve a celebração da Santa Missa, exposição solene do SS. Sacramento e encerramento das cerimónias litúrgicas com benção.

No dia 8, eucaristia, procissão com imagem de Nossa Senhora da Conceição que congregou enorme afluência, tendo actuado a Banda Filarmónica Artistas de Minerva, e celebração da eucaristia solenizada com a colaboração do Grupo Coral dos Somelos — Ronfe — Guimarães, venda de ramos, actuação do Rancho Fol-

clórico de Somelos, seguida da actuação do Grupo Coral da mesma localidade;

Dia 9, novamente, actuação do Grupo de Somelos que executou vários cânticos religiosos em louvor de Nossa Senhora; actuação do Rancho;

Dia 10, dedicação do altar da Igreja pelo Bispo do Algarve, que presidiu à celebração da Eucaristia.

Nos festejos realizados colaboraram a Câmara Municipal de Loulé, a Junta de Freguesia de Quarteira e as unidades hoteleiras D. Pedro, Golfmar, Rencatur, Quarteirasol e pensões Miramar, Baptista e restaurante «A Gaia-ta».

## Inscrições para o livro «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve» do Dr. Ataíde Oliveira

Apraz-nos registar que têm sido recebidas numerosas inscrições para reserva e aquisição oportuna da edição em livro da obra «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve», do Dr. Ataíde Oliveira, que sairá a lume depois de publicado, na íntegra, o respectivo folheto agora levado em curso por este jornal.

Devemos salientar, entretanto, que devido aos moldes em que a impressão do livro se processará — grande parte de composição do folheto será aproveitada para o efeito — temos toda a conveniência em decidir, em função da quantidade das inscrições efectuadas, do número de exemplares a encomendar, posto que através desta modalidade se tornará viável editar a preços acessíveis.

Nestes termos rogamos a todos os possíveis interessados, que até à data o não fizeram, o obsequio de se pronunciarem com brevidade, a fim de nos habilitarem a agir em conformidade.

## CARIMBOS

Executam-se na GRÁFICA LOULETANA Rua Marechal Gomes da Costa Telef. 62536 — LOULÉ

## TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

## ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE

M. CONCEIÇÃO PIMENTEL

ESCRITAS DOS GRUPOS «A» E «B»

ASSUNTOS FISCAIS E CONTABILÍSTICOS

TELEF. 62867 — LOULÉ



Na festa de homenagem a Pedro de Freitas

## Discursos do Presidente do Município de Loulé e do Governador Civil de Faro

Na sessão solene, de homenagem a Pedro de Freitas, realizada, como noticiámos antes, no passado dia 2 de Dezembro, fizeram uso da palavra vários oradores entre os quais o Presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa, e o Governador Civil de Faro, Dr. Almeida Carrapato, conforme referenciámos na nossa última edição.

Só agora, porém, devido às limitações de espaço que embarçaram os nossos propósitos, é que nos é possível dar à estampa, os discursos proferidos pelas duas referidas entidades.

Palavras do Presidente da Câmara de Loulé, na abertura da sessão solene:

Sr. Governador Civil, Ex.mos convidados, minhas senhoras e meus senhores.

Cumpra-me, como presidente da Câmara de Loulé, dizer neste acto algumas palavras alusivas a um louletano, Louletano, que através dos seus escritos, da sua dedicação a uma arte que é apátrio dos louletanos.

Ele tem dado o melhor do seu saber, dos seus conhecimentos, não só no nosso país, como por algumas partes do mundo. Ele é um louletano que há pouco, todos vós tiveram oportunidade de apreciar.

Esta Câmara deliberou que, através de uma placa no local, na rua, onde ele nasceu, ficasse assinalado aos vindouros a passagem deste homem de que todos nós nos devemos orgulhar.

Ditas estas palavras de apresentação vamos abrir a sessão solene iniciando o sr. secretário a leitura do expediente que foi recebido.

É este o teor do discurso proferido pelo Governador Civil de Faro, com que se encerrou a sessão solene:

Sr. Pedro de Freitas, sr. Presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Manuel Cabanas, minhas senhoras e meus senhores.

Quis a bondade e a amizade do sr. Andrade de Sousa, ilustre presidente, eleito democraticamente, da C. M. de Loulé, que eu viesse de Faro presidir a esta mesma sessão solene. Fui-lo com o maior gosto.

Ouvi muito enternecidamente as palavras do homenageado e ouvi com o maior agrado e o maior entusiasmo o discurso sublime feito pelo meu querido amigo Manuel Cabanas de elogio ao sr. Pedro de Freitas. É uma festa louletana, é uma festa algarvia. Eu não sou de Loulé, sou algarvio. Sou algarvio de coração, sou algarvio de berço, sou algarvio de nascimento.

Nasci em Faro, bem perto de Loulé, a 17 km de Loulé, mas em Loulé eu desenvolvi, pratiquei muitos actos da minha vida profissional. Aqui tive grandes momentos de alegria, aqui desenvolvi actos de luta e de combate, noutro tempo, na tribuna do tribunal e Loulé é para mim um segundo

berço. Loulé como outras terras do Algarve são para mim muito estimadas, muito queridas, porque estão sempre no meu coração. Por direito próprio, portanto, e porque não se trata apenas de uma festa de homenagem a um louletano, porque não se trata apenas de uma festa louletana, mas sim para além das fronteiras de Loulé, trata-se de uma festa algarvia. Por direito próprio, posso dizer, que devia efectivamente estar aqui, não a presidir a esta sessão solene, como disse, presidir a esta sessão solene só pela amizade, só pela bondade do sr. Presidente da Câmara Municipal deste município. Por direito próprio, precisamente, também, porque o Algarve é a minha terra.

Eu exerço, não apenas por exercer uma função que se projecta, que se confina a todas as fronteiras do Algarve, mas o Algarve é, efectivamente, todas as terras do Algarve todas as cidades, todas as vilas, todas as aldeias e porque só assim é que deve haver um espírito de coesão, são para mim como que uma pátria dentro da pátria maior que é Portugal.

Antigamente, e num passado ainda não muito longínquo, estas festas de homenagem a homens de letras, a artistas, a literados, a musicólogos não se faziam, como já foi observado pelo sr. Manuel Cabanas senão depois de eles extintos, senão depois de os homenageados extintos, tinham quase e sempre estas homenagens que se notabilizavam nas batalhas da cultura, da inteligência e da arte, tinham quase sempre um carácter póstumo. As festas em vida dos homenageados eram reservadas para os políticos mais ou menos oficiais, mais ou menos oficiais, porque esses é que contavam. O mundo da cultura era um mundo à parte e andava como que esquecido. Hoje, alguma coisa mudou e isto é prova de que na realidade uma conquista irreversível foi consumada e, algo mudou e a prova está aqui. Estamos a homenagear em vida um musicólogo, um homem que deu muito do seu esforço ao mundo da cultura, ao mundo da arte como musicólogo, como escritor. A sua obra é na realidade profusa e já aqui foi salientada pelo sr. Manuel Cabanas. E a prova, dizia, de que algo de conquista irreversível se consumou nos últimos tempos está em que estão presentes dois algarvios ilustres, ambos dois artistas de primeira água, um homenageado e o outro que lhe fez o seu discurso de elogio e que de ontem a uma semana será, por sua vez, homenageado, também, no Barreiro, terra onde reside o sr. Manuel Cabanas e onde reside o sr. Pedro de Freitas. É uma coincidência feliz e pensar se o homenageado de dia 8 de Dezembro no Barreiro não terá a companhia-lá as palavras quentes, cal-

rosas e vibrantes do sr. Pedro de Freitas, hoje homenageado, retribuindo, assim, no mesmo estilo, da mesma forma, uma homenagem calorosa.

Apraz-me registar três verdades, três conceitos lapidares, que é possível extrair em síntese desta manifestação de cultura. E já aqui foi referido também, pelo sr. Manuel Cabanas que o sr. Pedro de Freitas, musicólogo, que foi procurar a inspiração, muitas vezes, para a sua música para as suas composições artísticas, para as suas composições musicais no ruído prosaico dos ralis das locomotivas e das caruagens dos comboios. Foi também referido que nos seus livros foi, é, um desenraizado, porque foi procurar nas tradições populares a inspiração para as suas obras literárias. Isto significa, meus senhores, que a verdade, que a realidade, o real quotidiano, tem de estar sempre presente em todas as realizações artísticas. O real e a verdade têm de estar sempre presentes na arte, não apenas para que a arte reproduza ou fotografe o real quotidiano, mas porque a arte tem o condão de transformar os contornos da realidade quotidiana, os contornos da verdade, os contornos da vida para lhe imprimir um novo sentido, para lhe imprimir uma nova alma, para transformar, enfim, essa realidade que inspira arte.

Cabe-me encerrar esta sessão e lembrando ao sr. Pedro de Freitas os termos que calaram bem fundo no meu coração, com que espontaneamente se apresentou há pouco, sem aguardar que fosse feita uma apresentação protocolar reciprocamente. O sr. Pedro de Freitas apresentou-se, reconheceu em mim uma grande semelhança fisionómica com o meu pai nos tempos velhos do 7 de Fevereiro de 1927, portanto, uma data que o Algarve não pode esquecer, porque nessa data, aqui no Algarve, começaram-se a traçar, começaram a desenhar-se os primeiros passos de resistência a um regime há pouco instaurado em Portugal. Isto significou, meus caros senhores, que o senhor Pedro de Freitas, lembrando 7 de Fevereiro e dizendo que foi companheiro de armas daqueles que lutaram no 7 de Fevereiro, resistindo a esse regime instaurado recentemente em Portugal, e evocando e lembrando isso o sr. Pedro de Freitas fez a prova inofensível, demonstrou-me que era nesse tempo um homem de coragem. E que essa coragem que ele tinha em 1927 não esmoreceu, não se esvaiu, porque ele aceitou com uma galhardia, com uma verticalidade, com uma coragem extraordinária que eu supunha impossível num homem de 80 anos. Ele suportou com uma coragem extraordinária, com uma coragem viva, com uma verticalidade, aqui sempre de pé a homenagem que Loulé lhe presta. Está de parabéns Loulé, está de parabéns o Algarve. As minhas homenagens também para o sr. Pedro de Freitas.

## CASA

Vende-se, uma casa com 5 divisões, casa de banho, cisterna. Logradouro com árvores de fruta. Junto à estrada Loulé-S. Brás (a 1 Km da Estação da E.D.P.).

Tratar na Av. José da Costa Mealha, 162-1.º, Esq. LOULÉ.

(4+1)

## Mais um problema de Loulé resolvido

José Bernardo Cavaco é um pobre homem que desde há longos anos os louletanos se habituaram a ver na rua, a transportar volumes, a fazer mandados.

Agravados os males de que há anos sofre, e já sem forças para se manter de pé, o Cavaco teimosamente continuou a andar na rua, mas de rastos.

E dizemos teimosamente porque sabemos agora que ele já fugiu do Albergue de Faro, do Hospital de Loulé e do Lar para a 3.ª Idade, que funciona primorosamente em Silves e onde lhe guardaram a cama por algum tempo, à espera do seu regresso...

O José Cavaco preferia arrastar-se pelas ruas de Loulé mostrar um estendal de miséria que

condoia quem o via e revoltava quem sabia das razões porque andava naquele estado.

A redacção deste jornal chegou a clamar de quem assistia constantemente à tristeza do espectáculo que ele oferecia aos transeuntes.

Mas o problema não tinha sido descurado: o Presidente da Câmara interessara-se pelo assunto; o Instituto de Assistência à Família fez diligências positivas e o Dr. Francisco Inês, Delegado de Saúde Concelhio, providenciou de novo no sentido de o infeliz doente ser internado no Hospital de Loulé, onde está em tratamento.

Folgamos com a solução encontrada para este problema local.

## ATELIER DO SUL - Projectos Urbanísticos, Lda.

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 6 do mês corrente, lavrada de fls. 49 a 50, v.º do livro n.º B-56, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Clive Richard Dallachie Batchelor e Claes Vilhelm Feder, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação «Atelier do Sul — Projectos Urbanísticos, Lda.», e tem a sua sede e domicílio na Esplanada Santa Maria, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé.

2.º — O objecto da sociedade consiste no exercício de todas as actividades consultivas relacionadas com a realização de projectos de construção civil.

3.º — O capital social é de 100 000\$00, integralmente realizado em dinheiro e já entrado na Caixa Social, dividido em duas quotas, de 50 000\$00, pertencente uma a cada sócio.

4.º — A duração da sociedade é por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

5.º — Poderão fazer-se prestações suplementares de capital quando houver acordo entre os sócios, podendo estes também fazer suplementos à sociedade.

6.º — A gerência da sociedade e a sua representação, activa ou passiva, pertence a ambos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes com dispensa de caução.

§ único — Qualquer dos sócios poderá delegar em qualquer outra pessoa os poderes de gerência que lhe compitam.

7.º — Para que a sociedade fique validamente obrigada, será suficiente a assinatura de um dos gerentes.

8.º — A sociedade poderá ainda, constituir mandatários e outorgar-lhes os poderes que entender por convenientes.

9.º — A cessação de quotas, total ou parcial, entre os sócios é livre; quando feita a estranhos depende do consentimento da sociedade.

10.º — As Assembleias Gerais serão convocadas através de carta registada, com a antecedência mínima de dez dias, quando a lei não preveja prazo diferente. Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 9 de Dezembro de 1978.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## Um sindicalismo diferente?

(continuação da pág. 3)

grar-nos. É evidente, que naturalmente será sempre um parceiro social no terreno oposto, mas, que em diálogo constante, cada um bem consciente das suas legítimas posições, lutará por encontrar soluções que defendam não só as partes como o todo económico do País.

A nossa Pátria, debilitada e triste, onde a esperança vai morrendo tem de mudar. Temos todos que criar aqui riqueza suficiente que nos liberte da angústia e da desonra duma vida dependente dos empréstimos externos.

Porém, essa riqueza nunca poderá nascer da luta de morte aos patrões, mas apenas através do entendimento frutuoso e do respeito mútuo pelas legítimas posições que cada um representa.

Teremos de facto, amanhã, um sindicalismo diferente?

O futuro nos responderá.

Marcolino Nobre  
(De «O DIA»)

## BRAZÃO & MORGADO, LDA.

### COMPRA E VENDA DE AUTOMÓVEIS

Largo do Chafariz Campina de Cima — Loulé VENDE:

Opel 2.100 Diesel  
Peugeot 204 Break Diesel  
Ford Transit (Furgão)  
Diesel  
Fiat 127  
Renault 5  
Ford Escort — 4 portas  
Mini Clubman  
Dyanne 6  
MG 1300 — 2 portas

(3-2)



## O CORPO DE BOMBEIROS MUNICIPAIS DE LOULÉ

CUMPRIMENTA A POPULAÇÃO DE LOULÉ, DESEJANDO-LHE BOAS FESTAS E FELIZ ANO NOVO.



# PEDAÇOS DE VIDA

texto e presença de JOSÉ MANUEL MENDES

## PIRÂMIDES BAIXAS

Se a cidade é um mundo dentro do mundo, um cego na cidade é uma ilha de infortúnio, no imenso arquipélago de desgraças e pequenas misérias, que se estendem e permanecem hoje em dia, pelas esquinas das ruas, pelas catacumbas do Metropolitano, pelos becos do ninguém.

«Não há vida mais triste que a de um ceguinho» — repete aquele homem monocórdico, a infelicidade vencida pelo quotidiano, a mão já dormente, suspensa no ar, os dedos em concha acolhendo dádivas pequenas, de cinco ou dez tostões, dádivas que não

adiantam nem atrasam, subsídios deste marasmo que hoje tanto nos vai consumindo: a fobia da sobrevivência.

É isso! No conformismo da sobrevivência, a multidão que somos nós, enfileira num desespero colectivo de impotência. A ambição do homem comum parece resumir-se cada vez mais a todos estes problemas mezinhas de ter gasolina para o automóvel, ou de encontrar uma casa de renda barata, ou de ter bacalhau pelo Natal, e por aí fora. A lamentação, como tema e lema da conversação nacional, como desabafo de ocasião, estrito mas necessário, constante e uniforme, adquire foros de caracterização na personalidade colectiva de um povo.

Já não é só o ceguinho quem se lamenta, cu o mendigo que chafurda no lixo matinal da cidade. Somos todos nós, ensombrados por esta infelicidade comum, a quem vulgarmente se chama crise, e nos amarga os dias, nos entorpece a juventude, nos esmagas as ambições, é a crise, dizíamos nós, quem nos amolece, e nos guia no rebanho de carneiros que repetem, monocórdicos, balidos censurados e filtrados pelas dificuldades da vida de cada um.

Mas, apesar de tudo, mesmo quando os apertões dos transportes públicos nos levam a amaldiçoar a circunstância de pertencermos à multidão anónima, mesmo quando o ar nos falta para respirar e o estômago reclama, inevitável e alheio ao disparar da inflação, mesmo quando nos dizem que apertemos mais o cinto, quando pouco ou nada haverá para apertar, mesmo carregados e sacrificados de razão ao protesto quotidiano, existem sempre, aos olhos de quem sabe observar para além das paredes e das ruas, seres humanos ainda mais carregados pelas fatalidades do destino.

Quando a cidade dorme, e acumula energia para mais um dia de luta; quando o cheiro fétido dos desperdícios se acumula aos montões pelas calçadas da madrugada, os ratos da noite vigiam, buscam pelos baldes o pão de si e dos seus filhos. Os seus poe-

mas de desemprego embriagam as esquinas das ruas, pálidas e iluminadas, a desgarrar pela chuva miudinha que vai cobrindo, no seu manto de humidade, os trapos retalhados dos mendigos e retardatários.

Dentro de horas, ali, naquela mesma esquina, como todos os dias como todos os anos, cópia fiel e retratada de sempre, a mesma caixa de esmolas ao pescoço, as crónicas mazelas descartadas pelo corpo magro, o mesmo homem repete a cada instante, com o mesmo dramatismo, com a mesma angústia, como se o fizesse pela primeira vez: «Não há vida mais triste que a de um ceguinho».

Indiferentes, as pessoas passam, e invejam as montras. Um disco aqui, uma jóia ali, um casaco acolá, um rissol, um pastel de nata, e tornam ainda hoje, e amanhã, e depois, e quando dão por si, também já estão cegas.

## «OS CLARINS»

última obra musical de Pedro de Freitas

Para encerrar, com chave de ouro, o seu ciclo de composição musical, Pedro de Freitas, nosso ilustre conterrâneo, acabou de escrever não há muito uma fantasia descritiva em duas partes, intitulada «Os Clarins» (Bailado), muito justamente considerada como inédita no seu género em Portugal.

Este número foi composto com a finalidade fundamental de ser apresentado em teatro.

Embora já tenha sido executada pela Banda da IPSP de Lisboa, não foi, contudo, até à data levada à cena pela parte coreográfica, por falta de oportunidade favorável.

No passado dia 2 de Dezembro a sua gravação foi ouvida com aprezimento integrada nas cerimónias de homenagem a Pedro de Freitas, oferecendo o ensino de apreciar devidamente o seu talento de musicólogo.

# Educação e Ensino

Perante a situação que se vive no nosso país, que é de crises profundas no domínio político, social, financeiro, económico e de educação e ensino, é indispensável a colaboração consciente de todos, de acordo com a inserção de cada um, como elemento válido e responsável, no seio familiar, económico, social e político da nossa Sociedade.

No caso específico da Educação e Ensino a nível secundário, necessário se torna formar, de molde a operar em todos os estabelecimentos a sua Associação de Pais e Encarregados da Educação.

A educação, actualmente em crise aberta e desobstruída pelo que, já se fez ouvir e sentir, o eco de alarme nas manifestações turbulentas e agressivas de carácter associativo e aparentemente políticas dos jovens, na cidade do Porto, merece análise e reflexão dos responsáveis no domínio da educação, sendo imperioso usar de todos os meios e elementos, que possam prestar auxílio ao desanuviamiento ansioso e inseguro do espírito dos jovens e, à colaboração inadiável na diminuição dos problemas conflituosos e emocionais, que atingem e se apoderam da criança e adolescentes no seu processo de desenvolvimento e promoção até à maturidade, facultando-lhes e orientando-os numa educação e ensino de características, tipo democráticas.

A Associação dos Pais e Encarregados da Educação, poderia contribuir e promover, pela sua acção dinâmica, dentro das suas atribuições ou finalidades, como um dos meios, proficiando o estabelecimento e esclarecimento de relações amistosas e salutaras, no âmbito do quadro familiar, escolar e social.

Duma maneira geral, ouve-se dizer, que os pais ou encarregados da educação, devido aos seus afazeres e encargos, não dispõem de tempo para colaborar ou assistirem às reuniões da Associação, no entanto, com um pouco de boa vontade e esclarecidos da missão, que lhes cumpre de não se alienarem, sob pena de graves consequências e responsabilidades inerentes, julgo que, senão todos mas muitos, haveriam de dispôr de um ou outro momento livre e, não perderiam o seu tempo ingloriamente desta feita, mas sim e talvez, nalguns casos mais

melindrosos, recuperarem algo de si, em prol da educação dos seus filhos e dos outros.

Eu, na qualidade de educador e pai responsável, ofereço-me à colaboração, esperando a aceitação dos igualmente responsáveis, ao meu alvitre.

Manuel B. Filipe Viegas

## H X A D O

Que palavra é esta? Dirá o leitor desprevenido.

É uma palavra graficamente mal escrita responderemos nós, para acrescentarmos que foi escrita por um aluno do ensino secundário e que até talvez seja inteligente.

Possivelmente raciocinou que H + xado formaria a palavra agachado, pois não será totalmente culpado do ensino da língua pátria ser hoje tão mal ministrado que é uma autêntica miséria franciscana.

Esta maneira de escrever português é bem o símbolo do pouco que hoje se aprende nas nossas escolas e cuja degradação se tornou particularmente notória durante o PREC e que serviu para os menos aptos se autopromoverem e até conseguirem licenciaturas imerecidas.

Quem se não lembra das célebres «passagens administrativas» que facilitavam a passagem de anos a alunos que nem sequer frequentaram quaisquer aulas?

Sem dúvida que, durante muitos anos ainda, vamos continuar sentindo a parte negativa da «revolução dos cravos» até porque os males do ensino já vinham de antes do 25 de Abril, época em que alguns professores obrigavam os alunos a passar o tempo de aula a repetir (até à saturação) os erros dos ditados, em vez de lhes ensinarem alguma coisa de português.

O resultado é visível quando se nos deparamos erros gramaticais (e não só) que bradam aos céus e cometidos por pessoas cuja instrução lhes dá a obrigação de saber escrever melhor a sua própria língua.

Assim vai o ensino em Portugal.

M. A.

## FIM DE ANO



HOTEL APARTAMENTOS  
**Quarteirasol**

Apresenta no seu Restaurante Mourisco

**MARIA VALEJO**

Acompanhada pelo guitarrista JORGE FONTES

**ZECA SANTOS**

GRUPO FOLCLÓRICO DE MONCARAPACHO

Conjunto «DELCA SOUNDS»

Privativo do HOTEL

Preços especiais para estadias  
RESERVE JÁ A SUA MESA

Em funcionamento também

«O BEACHCOMBER» — com música gravada  
e a DISCOTECA «O COMBÓIO»

Informações e reservas pelo

Telefone 65421/2/3 — QUARTEIRA



**Festas Felizes**

Nesta quadra festiva continuamos pensando em si.

Conservámos em exposição os modelos que o Algarve mais distinguiu durante o

**salão do móvel de habitação**

ALGARVE-78

Temos ideias novas para o conforto do seu lar.

Esperamos por si todos os dias até às 21 horas.

**galerias persa**

FARO — R. Aboim Ascensão, 29  
— R. Batista Lopes, 2  
OLHÃO — Est. Nac. 125 — Belmonte  
BEJA — R. Eng. Aires da Fonseca, 6  
PORTIMÃO — Praça D. João II, 16

Tel. 26 12 9  
Tel. 22 37 4  
Tel. 73 21 1  
Tel. 24 12 1



PROMAC